

Terapia Familiar Baseada em Heidegger: Compreendendo as Famílias que se (Re)Inventam na Tessitura da (Ciber)Cultura

Family Therapy Based on Heidegger: Understanding the Families that (Re)Invent Themselves in the Weaving of (Cyber)Culture

Ieda Tinoco Boechat¹

Resumo

Este artigo apresenta a tese intitulada “As ciberfamílias em terapia: uma proposta de terapia familiar baseada em Heidegger para compreender as famílias que se (re)inventam na tessitura da (ciber)cultura” por meio da transcrição de sua introdução e conclusão. Não sendo possível contemplar aqui toda a discussão que a tese abarca e considerando a sua relevância para o debate acadêmico-científico e, em especial, o compromisso desta revista com a divulgação de trabalhos inéditos referentes à área de família, o objetivo deste texto é tornar conhecida a referida proposta, que pode ser acessada no *site* da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf), pelo *link* http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/tese-asciberfamiliasemterapia_110420221115.pdf. Os estudos de doutoramento realizados na Uenf apresentam os fundamentos epistemológicos e técnico-metodológicos da proposta de terapia familiar baseada em Heidegger para a compreensão das famílias pós-modernas que se reinventam em seus modos de se constituir e de se comunicar na tessitura da (ciber)cultura. Esta pesquisa interdisciplinar, utilizando metodologia de natureza qualitativa quanto ao problema, exploratória quanto aos objetivos, e pesquisa bibliográfica quanto aos procedimentos, encontra, mormente, na filosofia heideggeriana o suporte epistemológico e técnico-metodológico para embasar a proposta que ora se apresenta, descrevendo a compreensão da família à luz da presença heideggeriana, o modo de ser e estar do terapeuta

¹ Terapeuta de família. Psicóloga clínica. Doutora e mestra em Cognição e Linguagem (Uenf). Especialista em Terapia Familiar Sistêmica Breve (Núcleo Pesquisa). Especialista em Psicologia Humanista-Existencial (Unesa). Licenciada em Ciências Naturais (Fafita). Associada da ATF-RJ.

familiar no encontro com as famílias, seu método e técnica(s), bem como a forma de atendimento propriamente dito às ciberfamílias.

Palavras-chave: ontologia heideggeriana, teoria sistêmica, mídias digitais, pesquisa científica interdisciplinar

Abstract

This article presents the thesis entitled “Cyberfamilies in therapy: a proposal of family therapy based on Heidegger to understand families that (re)invent themselves in the weaving of (cyber)culture” through the transcription of its introduction and conclusion. Not being possible to contemplate here all the discussion that the thesis encompasses and considering its relevance to the academic-scientific debate and, in particular, the commitment of this journal with the dissemination of unpublished works related to the family area, the objective of this text is to make the referred proposal known, which can be accessed on the website of the Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf) through the link http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/tese-asciberfamiliasemterapia_110420221115.pdf. The doctoral studies held at the university present the epistemological and technical-methodological foundations of the family therapy proposal based on Heidegger for the understanding of postmodern families that reinvent themselves in their ways of being and communicating in the weaving of (cyber)culture. This interdisciplinary research, using qualitative methodology regarding the problem, exploratory regarding the objectives, and bibliographical research regarding the procedures, finds, mainly, in the Heideggerian philosophy the epistemological and technical-methodological support for the proposal presented, describing the understanding of the family in the light of the Heideggerian presence, the way of being of the family therapist in the meetings with the families, its method and technique(s), as well as the form of cyberfamilies care.

Keywords: Heideggerian ontology, systemic theory, digital media, interdisciplinary scientific research

Introdução

A comunicação na sociedade contemporânea vem se modificando pelo uso crescente de dispositivos digitais, como *smartphones*, *tablets*, *iPhones*, *iPads*, e de diversas ferramentas digitais, como Facebook, Instagram, WhatsApp, disponibilizados ao grande público na pós-modernidade, inclusive, de eletroeletrônicos ativados por comando de voz que já se fazem presentes nos lares que compõem o cenário sociocultural pós-moderno. Esses aparatos tecnológicos são amplamente utilizados pelas famílias em sua comunicação no âmbito familiar e extrafamiliar. Como se observa em pesquisas como as de Boechat e Souza (2018a, 2018b, 2019) e Boechat (2017), as famílias, independentemente da sua configuração, comunicam-se e/ou constituem-se nas redes sociais e, mais recentemente, nas redes sociais digitais. Em seu dia a dia, elas são requisitadas de muitas maneiras e são solicitadas pelos mais diversos motivos nas mais diferentes intensidades, de forma que muitos desafios lhes trazem conflitos, o que se acirra pela pressa e urgência de corresponder aos apelos de uma sociedade cada vez mais midiaticizada e, portanto, mais veloz, tomando-se, por vezes, como peças de uma engrenagem mecânica na produção de resultados. Nessa senda, as famílias que buscam auxílio na terapia familiar deparam-se com as abordagens terapêuticas que se embasam teórica e técnico-metodologicamente na ciência moderna para observar como funcionam e propor-lhes intervenções que visam modificar a forma como funcionam ou mesmo lhes corrigir o mau funcionamento.

Paralelamente às mencionadas abordagens, a essas famílias cada vez mais provocadas pela técnica, tanto aquela que as desafia em seu cotidiano quanto a que instrumentaliza os terapeutas de família, esta tese apresenta uma proposta de terapia familiar baseada nas contribuições de Martin Heidegger, apoiando-se na compreensão da existência e na questão da essência da técnica. A pesquisa científica interdisciplinar alia, assim, duas áreas do conhecimento, a saber, o campo da terapia familiar sistêmica e a filosofia heideggeriana para compreender as ciberfamílias, que são também abordadas a partir de estudos interdisciplinares entre a evolução das tecnologias da informação e comunicação e a concepção sistêmica de família. Portanto, este estudo se baseia nos conceitos de novas

mídias digitais de Souza (2003) e Lemos (2015), na concepção de cibercultura de Lemos (2015), na caracterização de pós-modernidade apresentada por Maffesoli (2001, 2009, 2010) e Gonçalves (2011), nas concepções de família, nas técnicas e nos modos de atuação propostos pelos muitos pesquisadores do campo da terapia familiar, bem como na ontologia heideggeriana entendida como hermenêutica da presença. Sendo assim, esta pesquisa interdisciplinar tematiza as mídias digitais, as famílias e a terapia familiar na proposição da tese de que às famílias pós-modernas pode ser oferecida uma proposta de terapia familiar que as compreenda na contracorrente da cientificidade moderna que destituiu o homem de seu ser.

Assim sendo, o objetivo geral desta pesquisa é estabelecer os fundamentos epistemológicos e técnico-metodológicos da proposta de terapia familiar para a compreensão das famílias pós-modernas que se (re)inventam constituindo-se e comunicando-se na tessitura da (ciber)cultura com base em Heidegger. Desse modo, os objetivos específicos são: abordar as famílias pós-modernas – a partir de estudos interdisciplinares entre a concepção sistêmica de família e a evolução das tecnologias da informação e comunicação – em seus modos de constituir-se e comunicar-se influenciados pelas mídias digitais, estabelecendo, para tanto, a era pós-moderna como delimitação histórica, a fim de se observar o impacto midiático sobre o comportamento das gerações pós-modernas e, por conseguinte, das ciberfamílias; elencar as mais expressivas escolas e modelos do campo da terapia familiar sistêmica, para abordar a concepção sistêmica de família, a atuação dos terapeutas de família, os métodos e técnicas que usam, buscando contribuições teóricas e técnico-metodológicas para o diálogo interdisciplinar com a ontologia heideggeriana; dissertar sobre a ontologia heideggeriana, entendida como a hermenêutica da presença, abordando a compreensão da existência, descrevendo o modo de ser e estar do terapeuta em terapia e abordando seu método e técnica – tomada a partir da questão da essência da técnica heideggeriana –, a fim de encontrar subsídios epistemológicos e técnico-metodológicos que dialoguem com aqueles da teoria sistêmica; apresentar uma proposta de terapia familiar

baseada em Heidegger para a compreensão das famílias na pós-modernidade, considerando as contribuições do campo da terapia familiar sistêmica e da filosofia heideggeriana.

Esta pesquisa problematiza a seguinte questão: quais os fundamentos epistemológicos e técnico-metodológicos e a forma de atendimento às famílias desta proposta de terapia familiar que se dispõe a compreendê-las com base em Heidegger? Parte-se, assim, da hipótese de que a família pode se compreender e ser compreendida terapeuticamente não mais apenas sob as lentes do cientificismo moderno, que concebe os membros das famílias objetivados em suas relações como algo processável, regidos por uma lei de funcionamento, objetificando-os quando os submetem a técnicas para lhes modular o comportamento e lhes dirigem intervenções visando à correção de sua disfunção com base no método das ciências naturais. Se a hipótese se confirmar, a pesquisa apontará uma nova alternativa para se compreender as famílias ao lado das concepções formuladas segundo a representação da metafísica moderna, descrevendo os fundamentos epistemológicos e técnico-metodológicos da proposta de terapia familiar baseada em Heidegger, apresentando a compreensão da família à luz da presença heideggeriana, o modo de ser e estar do terapeuta familiar nos encontros terapêuticos com a família, a(s) técnica(s) que usará e o método pelo qual vai se orientar no atendimento propriamente dito às ciberfamílias que procuram por ajuda terapêutica na pós-modernidade.

Historicamente, as famílias sempre foram impactadas pelas tecnologias e vice-versa, mas, na atualidade, o uso das mídias digitais se impõe em seu cotidiano de tal modo que elas são sempre mais desafiadas a corresponder às solicitações da sociedade cada vez mais midiática e mais veloz, em especial, neste tempo histórico pandêmico. Assim, não raro, as famílias pós-modernas encontram-se debatendo-se contra as tecnologias, apontando-as como causa de muitas dificuldades em seus relacionamentos, além de lidar com tantas outras questões que lhes trazem conflitos nas redes sociais e/ou nas redes sociais digitais. As abordagens de terapia familiar sistêmica, por sua vez, seguem uma linha tecnicista, predefinindo a família, observando suas leis de funcionamento, a fim de propor intervenções que assegurem resultados preestabelecidos pelo uso de técnicas e instrumentos terapêuticos,

conforme o rigor do chamado método científico, para conduzi-las à solução de seus impasses. Justifica-se, assim, esta pesquisa por propor uma abordagem terapêutica que compreende as famílias em seu vir-a-ser, apoiando-se na hermenêutica da presença e na questão da essência da técnica, visando auxiliá-las em seus conflitos de cunho midiático ou não, sem objetivá-las ou objetificá-las ao modo do tecnicismo moderno. Dessa forma, um “conceito existencial da ciência” alcançado ainda na modernidade ilumina uma possibilidade terapêutica para as famílias na pós-modernidade sem, contudo, desconsiderar as contribuições da ciência moderna.

Nesse sentido, este estudo evidencia sua relevância social e acadêmica quando identifica o cenário de transformação social que se apresenta na pós-modernidade com o transitar das famílias nas redes sociais e nas redes sociais digitais, modificando seus modos de se constituir e de se comunicar altamente influenciados pelas novas mídias digitais, no âmbito familiar e social mais amplo, às quais se oferece uma alternativa para se compreender a si mesmas e para serem compreendidas pelos terapeutas de família não mais apenas a partir de uma verdade científica com a qual a modernidade as presenteou. À sociedade se oferece nova possibilidade de compreender as famílias e de ajudá-las terapêuticamente ao lado daquelas que se apoiam no tecnicismo da ciência moderna, e à comunidade acadêmica são apresentadas contribuições que vêm enriquecer e dar prosseguimento às pesquisas científicas interdisciplinares desenvolvidas neste Programa desta Universidade. A metodologia utilizada para este estudo é de natureza qualitativa quanto ao problema, exploratória quanto aos objetivos, e pesquisa bibliográfica quanto aos procedimentos. Os estudos se apoiam na contribuição de pesquisadores como Souza (2003), Maffesoli (2001, 2009, 2010), Lemos (2015), Bauman (2004), Heidegger (2009, 2012a, 2012b, 2013, 2019), Satir (1976, 1995, 2002), Boechat (2017), Watzlawick, Bavelas e Jackson (2015), Bowen (2010), Calil (1987), Andolfi (2019), Alvarenga *et al.* (2011), Nichols e Schwartz (2007), entre outros autores.

A primeira parte da tese aborda as famílias pós-modernas – com base em estudos interdisciplinares entre a concepção sistêmica de família e a evolução das tecnologias da

informação e comunicação – em seus modos de constituir-se e de comunicar-se influenciados pelas mídias digitais, estabelecendo, para tanto, a era pós-moderna como delimitação histórica a partir da segunda metade do século XX aos presentes dias, a fim de se observar o impacto midiático sobre o comportamento das gerações pós-modernas e, por conseguinte, das ciberfamílias, considerando que as famílias pós-modernas constituem-se eminentemente de pessoas nascidas no referido período. No Brasil, por exemplo, conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgada no *site* www.dieese.org.br, realizada no quarto trimestre de 2019, 34 milhões dos 210,1 milhões de brasileiros eram idosos – pessoas com idade a partir de 60 anos, conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS). Assim, se o número de pessoas com 60 anos ou mais corresponde a 16,2% da população do país, 83,8% da população nasceu após 1960.

A segunda parte da tese discorre acerca dos postulados da teoria sistêmica quanto à concepção sistêmica de família, à atuação dos terapeutas familiares sistêmicos numa perspectiva histórica, assim como aos métodos e técnicas que usam, considerando as escolas e modelos mais expressivos do campo da terapia familiar sistêmica apontados, em especial, por Calil (1987) e Nichols e Schwartz (2007); esta parte discorre, ainda, sobre a ontologia heideggeriana, entendida como a hermenêutica da presença, abordando a compreensão da existência e a questão da essência da técnica ao dissertar sobre o ser homem heideggeriano e ao descrever o modo de ser e estar do terapeuta na compreensão do existir daquele que procura por ajuda terapêutica, bem como o seu método e técnica, com base nos títulos *A caminho da linguagem* (2019), *Ensaios e conferências* (2012a), *Ontologia: (hermenêutica da faticidade)* (2013), *Seminários de Zollikon* (2009) e *Ser e tempo* (2012b) da obra de Martin Heidegger. A terceira parte discute os aspectos metodológicos que permitem, por meio da pesquisa científica interdisciplinar, propor o novo arranjo epistemológico e técnico-metodológico que vai embasar a proposta de terapia familiar apresentada na tese. A quarta parte, por fim, a partir da compreensão da existência e da questão da essência da técnica, apresenta a proposta de terapia familiar baseada em Heidegger, descrevendo a compreensão

da família à luz da presença heideggeriana, o modo de ser e estar do terapeuta familiar nos encontros terapêuticos com a família, assim como o método pelo qual se orienta, a(s) técnica(s) de que se utiliza e a forma pela qual vai se dar o atendimento familiar propriamente dito.

Conclusão

A presente pesquisa tematizou as famílias pós-modernas, as mídias digitais e a terapia familiar tendo por objetivo geral estabelecer os fundamentos epistemológicos e técnico-metodológicos da proposta de terapia familiar baseada em Heidegger para compreender as ciberfamílias que se (re)inventam em seus modos de se constituir e de se comunicar na pós-modernidade. Esse objetivo foi alcançado, na medida em que os objetivos específicos foram atendidos, quando se dissertou sobre as famílias pós-modernas – a partir de estudos interdisciplinares entre a concepção sistêmica de família e a evolução das tecnologias da informação e comunicação – em seus modos de se constituir e de se comunicar influenciados pelas mídias digitais, estabelecendo, para tanto, a era pós-moderna como delimitação histórica para se observar o impacto midiático sobre o comportamento das gerações pós-modernas e, por conseguinte, das ciberfamílias; quando foram apontadas as mais expressivas escolas e modelos do campo da terapia familiar sistêmica, abordando a concepção sistêmica de família, a atuação dos terapeutas de família, os métodos e técnicas que usam, o que propiciou contribuições teóricas e técnico-metodológicas para o diálogo interdisciplinar com a ontologia heideggeriana; quando se discorreu sobre a ontologia heideggeriana, entendida como a hermenêutica da presença, abordando a compreensão da existência, descrevendo o modo de ser e estar do terapeuta em terapia e abordando seu método e técnica, o que forneceu subsídios epistemológicos e técnico-metodológicos para o diálogo com a teoria familiar sistêmica; quando apresentou uma proposta de terapia familiar com base em Heidegger para a compreensão das ciberfamílias.

Destarte, os resultados obtidos foram os esperados, pois a pesquisa científica interdisciplinar entre a filosofia heideggeriana e o campo da terapia familiar sistêmica permitiu

apresentar a referida proposta de terapia familiar: a compreensão dos familiares à luz da presença heideggeriana, a descrição do modo de ser e estar do terapeuta familiar no encontro com as famílias, o seu método e a(s) técnica(s) que usa, bem como a elaboração da forma de atendimento familiar. Confirmou-se, assim, a hipótese de que a família pode se compreender e ser compreendida terapeuticamente não mais apenas sob as lentes focais, bifocais ou multifocais do método científico das ciências naturais, pelas quais se podem ver os membros das famílias objetivados pelo cientificismo moderno em suas relações, regidos por uma lei sob a lógica de causa e efeito, como algo processável, donde decorre a objetificação das famílias ao submetê-las a técnicas para lhes modular o comportamento e ao dirigir-lhes intervenções para corrigir a sua disfunção. Focar um “aspecto” da família para observar e intervir, escolher dois deles associando a contribuição de duas escolas/modelos de terapia ou vários deles integrando as contribuições de várias escolas/modelos, ou ainda admitir a complexidade da realidade fenomênica das famílias não permite alcançar os familiares em sua plenitude essencial. Com esta proposta, apontou-se, então, uma nova alternativa para se compreender as famílias diante daquelas proposições formuladas segundo a representação da metafísica moderna, porquanto à luz da compreensão de cada familiar como presença heideggeriana as famílias são experienciadas, observadas e tratadas caso a caso, na medida em que o envolver-se com o deixar-ser de cada um dos familiares já pressupõe a aceitação do ser desvelado no projeto ontológico-fenomenológico como presença. Assim, “cada situação deve ser tratada como algo novo” sendo cada familiar visto em seu modo único de ser e estar no mundo em família, de forma que aqui não se tem um “modelo útil da natureza humana” nem de “famílias funcionais”, mas uma compreensão útil das famílias caso se compreenda os familiares a partir do projeto científico da presença e se o “útil” for visto no sentido daquilo que cura – aquilo que conduz o homem a si mesmo.

Como se observou nas pesquisas do campo da terapia familiar, assim como na pesquisa qualitativa de Feijoo (2000), o pesquisador vê o que escolhe/decide ver. Então, a abordagem de terapia familiar apresentada pode ser mais uma lente pela qual se podem ver as famílias, quando o terapeuta familiar, seja nos atendimentos à família seja na pesquisa, decide ver a

vigência do ser homem em sua plenitude essencial, logo, não o destituindo de ser, ao contrário, mantendo em duplicidade ser e ente, tendo a sua existência esclarecida pelo próprio *ek-sistir*, pela sua movimentação *ekstática*, em que suporta, assume e conserva a sua abertura e, sujeitando-se a ela, a forma, podendo, assim, ser outro, de novo, cada vez. Trata-se, assim, de uma lente ôntico-ontológica, uma lente liberadora, pois cada familiar é devolvido ao que lhe é mais próprio – possibilidade – ao entregar-se ao sentido a caminho da linguagem com os demais familiares e com o terapeuta, e pode vir-a-ser atualizando-se não mais apenas na impropriedade de seu ser, se assim tem sido.

Para esta pesquisa, a família reúne copresenças heideggerianas que coexistem num contexto referencial de significância. Embora todos morem na linguagem, cada um habita uma casa diferente, projetando-se no aberto de seu ser. Mesmo sendo essencialmente ser-com, os familiares não necessariamente se dão mutuamente seus mundos por coabitar uma casa, por ter ou não as “mesmas” palavras, por experienciar juntos a “mesma” história familiar ou por seus laços consanguíneos e/ou socioafetivos. Cada familiar, projetando seu ser para o seu poder-ser em sua própria perspectiva, pode arrumar lugar e tomar seu tempo, fazer seu destino e sua história na convivência familiar. Assim, a família pode ser pensada como unidade, considerando-se a cura, a constituição *ekstático-temporal* – cuidado – do ser homem, que implica a transcendência dos familiares e, com ela, o direcionamento, o distanciamento (proximidade/afastamento), o corporar do corpo, o temporalizar do tempo, o espacializar do espaço, a ação de significar, a possibilidade de questionar, a decisão, a historicidade do ser-no-mundo.

Os familiares podem experienciar a família como unidade caso se acompanhem no movimento de compreender e interpretar, deixando a coisa ser coisa e o mundo ser mundo no jogo de espelho e reflexo da quadratura em recíproca fiança, num aproximar/afastar que entrega cada um ao próprio de si mesmo, quando se entregam ao sentido no encaminhamento a caminho da linguagem. Nesse encaminhar como fazer o caminho para e assim ser o caminho, um pode alcançar e encontrar o outro, pois nessa apropriação apropriadora mortais, divinos, céus e terra guardam na proximidade a sua distância numa

intimidade que deixa copertencer os estranhos, em vez de fundir e extinguir as diferenciações. Eles podem se encontrar no caminho do pensamento do sentido quando decidirem se acompanhar interessadamente a caminho da linguagem, falando o que ouvem do dizer da linguagem e escutando-se uns aos outros, empenhados em perceber como significam o que vem ao encontro e o sentido que sustenta a compreensibilidade uns dos outros. Portanto, dar aos demais o seu mundo com suas palavras é uma possibilidade de um familiar decidido, que pode desabituar-se dos hábitos impessoais para se ver e ver cada um em sua verdade, liberando-se e liberando o outro familiar – e demais copresenças de sua convivência.

Na silenciosidade da linguagem, resguardando a quadratura, as copresenças podem experienciar juntas a sua história e o seu destino também em sociedade, liberando-se mutuamente para a liberdade de ser si-mesmos. Existindo essencialmente como ser-no-mundo sendo-com os outros, o acontecer dos familiares é um acontecer-com, que se determina como envio comum – o acontecer da comunidade, o acontecer do povo – que não se compõe de destinos singulares, pois os destinos já estão previamente orientados na convivência em um mesmo mundo e na decisão por determinadas possibilidades. O poder do envio comum somente se libera na participação e na luta. No envio da história da humanidade, ante a requisição técnica, seja no âmbito científico seja no âmbito familiar, os familiares e os terapeutas de família podem se “deixar ir vivendo” no modo de desencobrimento da composição ou podem decidir pelo modo de desencobrimento da produção, mas não podem tomar o comportamento técnico do mundo como um “destino da história da humanidade”, em que se deve existir em seu caráter de “tarefa inevitável”, como uma “fatalidade de um absoluto e último” que desabou sobre eles. Afinal, a questão da essência da técnica descortina a técnica como nada tendo de técnico ou de maquinal, de modo que não cabe fazer apologia às mídias pós-modernas nem demonizá-las, pois elas podem ser deixadas a si mesmas. Não cabe também tomar mídias e famílias apartadas, assim como o homem foi apartado de seu ser, alocando-as em polos opostos para depois buscar integrá-las pela criação de algum mecanismo ou de uma dialógica não dialética que aceite a concorrência de antagonismos sem sínteses posteriores, uma vez que aproximar-se/afastar-se fenomenologicamente das

mídias e de outros entes tornando-os próprios ou não é uma possibilidade ontológica dos ciberfamiliares em seu mover-se *ekstático* que pode se realizar onticamente ou não. O termo “ciberfamília” fala da ampla requisição das famílias pelas mídias digitais na contemporaneidade, em que famílias e mídias se interinfluenciam na (ciber)cultura, evidenciando, assim, o uso crescente das referidas mídias pelas famílias em seus modos de se comunicar e se constituir sem jamais pretender referir-se a, parafraseando Heidegger (2009), uma construção técnica da máquina = família.

As famílias pós-modernas (re)inventam-se constantemente em seu vir-a-ser transitando nas redes sociais e, também, nas redes sociais digitais solicitadas pelos mais diversos motivos. As gerações X e Y parecem mesmo ter tornado familiar as mídias digitais para as gerações Z e alfa, para quem o modo de ser dos dispositivos se revela no seu uso, em alguns casos, literalmente, desde o berço. Os sucessivos toques que os familiares dão na tela de seu dispositivo já se apropriaram desse instrumento com tal adequação que, quanto menos se olha para ele mais se sabe usá-lo, mais originário o relacionamento com ele e mais desentranhado o modo em que esse teclar se dá ao encontro no instrumento que ele é, pois o próprio digitar é que descobre o manejo específico dos dispositivos pós-modernos. Nessa senda, pode-se considerar que a ciber socialidade seja mesmo a sinergia entre a socialidade contemporânea e as tecnologias digitais, caso se tome sinergia como proximidade (afastamento/distanciamento) que se regula a partir do uso/manuseio de instrumentos a ser considerado na circunvisão e do projetar-se do ser de cada familiar em virtude de si mesmo para o seu poder-ser. Nada é estranho para as famílias se elas o tornam próximo/familiar, assim como nada lhes é familiar se elas o tornam distante. Então, se as ciberfamílias não significam o ciberespaço como um “mundo paralelo” ou como um “complexificador do real”, mas talvez como um rito de passagem da modernidade à pós-modernidade, ele pode lhes ser tão familiar que elas podem usufruir uma “casa inteligente”, o cibersexo, um curso *on-line* ou sua família virtual sem estranheza mesmo que isso desperte estranhamento em alguns.

Assim entendida a sinergia, pode-se considerar os familiares *cyborgs* pela hibridização entre a cibernética e o organismo vista nas nanotecnologias cibereletrônicas ou na influência

da mídia massiva com sua programação tecnológica da “sociedade do espetáculo”. Nas “selvas de concreto” que favorecem o isolamento, os familiares podem estar juntos na internet no modo de uma “socialidade”, em que o prazer lúdico substitui a mera funcionalidade, observando, no entanto, que as máquinas de comunhão, de compartilhamento de ideias e sentimentos, de formação comunitária podem também promover alienação e desagregação. Isso deve ser observado, em especial, quando se considera que este tempo histórico pandêmico tende a arrastar todos ainda mais para a “dromoaptidão glocalizada” e que não se podem esperar repercussões verificáveis, comprovadamente controladas, das “práticas criativas individuais e coletivas” que as mídias pós-modernas facultam. Então, às ciberfamílias cabe escolher imprópriamente ou decidir se vão transitar nas redes sociais e, também, nas redes sociais digitais com serenidade ou não, uma vez que podem ou não expor, em ambas, a sua intimidade e privacidade, expondo-se ou não deliberadamente a *fake news*, pós-verdades, manipulações, crimes, adoecimentos, entre outros, na sociedade *cyborg*.

Talvez um “novo normal” em família não se implante pelo impacto que alguma fatalidade provoque nas ciberfamílias, mas talvez possa se dar quando os familiares se angustiarem com o nada que são lançados no nada do mundo. Se assim angustiados os familiares aceitam a possibilidade da impossibilidade da existência, podem aceitar propriamente a possibilidade como possibilidade, podem *ek-sistir* de modo próprio. Então, podem projetar o seu ser para o poder-ser mais próprio indo ao fundo de seu ser, ao acontecimento apropriador, para atualizar as suas possibilidades próprias e não mais apenas as impróprias. Talvez um “novo normal” se dê quando, numa retomada decidida, os familiares, historicamente, acontecerem de modo próprio. Se algo semelhante a errância e aventura há aí, tem de ser tomado dentro dos limites de uma verdade que pode ser alcançada com o seu esforço de arrancar-se da tendência de guiar-se unicamente pelo impessoal, pois a convivência em sentido próprio não brota dos compromissos ambíguos e invejosos das alianças tagarelas características do impessoal e nem de qualquer coisa que, impessoalmente, se empreenda. A convivência em sentido próprio brota do ser si-mesmo mais próprio da decisão.

As ciberfamílias, independentemente de sua configuração, procuram por ajuda terapêutica na dor, estejam os familiares afinados numa alegria intensa ou afinados numa tristeza profunda. Talvez se possa falar em uma “ética da estética” no campo da terapia familiar, quando se oportuniza a cada familiar o desvelamento de seu ser, deixando que ele se mostre, tal como se mostra, tal como é, quando, então, abrindo-se o seu ser, descobre-se a sua verdade e pode assumir-se em sua dignidade como o guardião da clareira coexistindo em família. Nessa senda, pode-se falar em uma “ética da estética” no convívio familiar ao se pensar em uma obra de arte coletiva em família, quando, importando-se uns com os outros mais do que com uma moralização universal dos comportamentos, podem, a partir de emoções comuns ou dos prazeres partilhados, caminhar juntos rumo a um novo ser-afinado. Se o jogo que afina tristeza e alegria entre si, aproximando a distância e distanciando a proximidade, é a dor, talvez seja menos difícil experienciarem juntos o desvelamento do seu ser no retorno ao que lhes é mais próprio, apoiando-se mutuamente.

A ética do terapeuta familiar heideggeriano pesquisador estaria em colocar a terapia familiar no âmbito da metafísica recolocada dentro de seus limites, observando a vigência de ser e ente na clareira, considerando que a existência dos familiares se esclarece pelo seu existir fático experienciado pré-ontologicamente, sendo preciso, então, partir da sua constituição ontológico-existencial para ir à dimensão ôntico-existenciária e vir de volta, assegurando uma visão plena do círculo hermenêutico do ser dos familiares para compreendê-los. Assim sendo, esse pesquisador considera que cada familiar, em seu ser em círculo se “origina” da “cura” – do anteceder-se-a-si-mesmo-em (um mundo) enquanto ser-junto-a (um ente intramundano que vem ao encontro) –, que o forma, pertence a ele, à qual ele deve pertencer “enquanto viver” e ser por ela mantido e dominado enquanto é e está no mundo. Com isso consente o terapeuta de família heideggeriano, consentindo também, em sua ética, que, se o ser em círculo de cada familiar é uma possibilidade ontológico-existencial, não, necessariamente, se realizará propriamente em sua dimensão ôntico-existenciária. Como aquele que não tem em seu poder o desencobrimento, libera-os para ser quem podem/quêrem ser no “tempo” ou tomando o seu tempo, no “espaço” ou arrumando o seu

lugar, escolhendo impropriamente ou decidindo, ficando à mercê das circunstâncias ou achando-se em situação, enfim, seguindo o “destino” ou fazendo seu destino e existindo na “história” ou em sua história.

Assim sendo, a proposta que esta pesquisa apresentou não é de terapia familiar sistêmica, pois em vez de se orientar pelo modo de pensar científico que determina a representação do homem e pesquisa-o segundo o modelo da retroalimentação da cibernética, buscou embasar-se em Heidegger. O terapeuta familiar pode até admitir um cunho sistêmico em sua abordagem, observando a advertência heideggeriana, quando menciona a estrutura analítica da presença: as estruturas de ser e seus respectivos conceitos disponíveis reivindicam os seus direitos talvez dentro de um “sistema”, desde que não se apresentem como algo que é “claro” e que dispensa justificações ulteriores, servindo de ponto de partida para uma dedução contínua, devido ao encadeamento construtivo num sistema. Assim também, o que vem ao encontro na circunvisão, aquilo que se experiencia na quadratura não se apresenta como algo que é “claro” e que dispensa justificações ulteriores nem serve de ponto de partida para uma dedução contínua num encadeamento sistêmico, uma vez que no jogo de espelho e reflexo da quadratura, a seu modo, cada um dos quatro – mortais, terra, céus e divinos – reflete e espelha a vigência essencial dos outros. Com esse modo de apropriação luminoso, o refletir não insiste em uma individualidade separada, mas libera cada um dos quatro para sua propriedade, enquanto liga e enlaça os liberados na simplicidade de sua referência recíproca. Cada um dos quatro se deixa levar para o que lhe é próprio, num compromisso recíproco de unir o desdobramento, juntando-se dóceis nessa flexibilidade, em que se deixa a coisa fazer-se coisa e o mundo fazer-se mundo.

O círculo hermenêutico, que não é um círculo vicioso, é tanto a estrutura do ser em círculo da presença quanto a estrutura da analítica da presença e desta pesquisa científica interdisciplinar. O terapeuta familiar heideggeriano pesquisador pressupõe encontrar nas contribuições do campo da terapia familiar sistêmica e da filosofia heideggeriana subsídios epistemológicos e técnico-metodológicos para oferecer às ciberfamílias uma proposta de terapia familiar sem representá-las no modo da metafísica moderna. Então, partindo dessa

pressuposição, para compreender as famílias pós-modernas, ele foi aos estudos interdisciplinares que permitiram observar o uso das mídias digitais por essas famílias em seus modos de constituir-se e de comunicar-se no cotidiano, aos muitos conceitos sistêmicos de família e à ontologia heideggeriana, e veio de volta propondo a compreensão das ciberfamílias à luz da hermenêutica da presença; e para propor a técnica, o método e a forma de atendimento do terapeuta familiar heideggeriano, ele foi às diversas técnicas, métodos e modelos dos terapeutas sistêmicos, à questão da essência da técnica heideggeriana e ao método heideggeriano, e veio de volta propondo, com base em Heidegger, que esse terapeuta familiar, no encontro com os familiares, siga o caminho do método que depende e rege-se pela fenomenologia no sentido da hermenêutica da presença, tendo por técnica primordial a “conversa entre pensadores” fazendo a experiência da “renúncia do poeta”, conferindo vigência ao ser dos familiares, deixando-os vigorar como os familiares que são. Além de sua técnica, ele poderá criar técnicas ou usar técnicas do campo da terapia familiar sistêmica, a fim de favorecer a desocultação dos familiares no modo de desencobrimento da produção. A proposta de atendimento às famílias veio delineada assim: as 10 sessões deverão acontecer de duas em duas semanas, com duração de 90 minutos cada, em que se alternarão o casal; a família nuclear; o casal e a família de origem de um dos cônjuges; o casal e a família de origem do outro cônjuge. Assim sendo, a presente tese apresentou a proposta de terapia familiar baseada em Heidegger como uma nova alternativa para se compreender as famílias ao lado de outras tantas presentes no campo da terapia familiar. Tomando o “conceito existencial da ciência”, aquele que compreende a ciência como modo do ser-no-mundo, que descobre e abre o ente e seu ser, e recusando, por conseguinte, a absolutização da ciência moderna, o terapeuta poderá se utilizar das contribuições da cientificidade moderna desde que observe a sua adequação à sua proposta epistemológica e técnico-metodológica.

Sobre transtornos considerados intratáveis e doenças tidas por incuráveis ou sobre relacionamentos irremediavelmente irrecuperáveis assim tomados por algumas famílias, o terapeuta familiar diria que nada pode afirmar de antemão, a não ser que nada toma por definitivo para aquele que habita a alteridade, para aquele que pode ser outro, de novo, cada

vez. Inclusive nas severas adversidades, quando estiverem lutando para sobreviver, eles podem acontecer historicamente, dando a si algo de que necessitam, quando esse algo se lhes fizer necessário e enquanto dele precisarem. Enquanto os familiares existirem sobre a terra, sob os céus, entre outros mortais e divinos, há possibilidades. Esse terapeuta não tem no “tempo” cronológico que transcorre o “remédio” ou a “solução” para os conflitos familiares. Para esse terapeuta, as ciberfamílias podem se reinventar existencialmente no temporalizar do tempo, já que o tempo é o ponto a partir do qual cada familiar compreende e interpreta implicitamente o ser e que a temporalidade se temporaliza num porvir atualizante da vigência de ter sido. Por suas lentes sem foco(s), quando procura ver e deixar ver o fenômeno em seu próprio mostrar-se, ele vê a constante liberdade de vir-a-ser de um ser-no-mundo que, habitando a linguagem, orienta-se na quadratura significando o que vem ao encontro na circunvisão, existindo em virtude de um poder-ser si mesmo e questionando, entre outras coisas, o sentido de ser.

Referências

- Andolfi, M. (2019). *A terapia familiar multigeracional: Instrumentos e recursos do terapeuta*. Editora Artesã.
- Andolfi, M., Angelo, C., Menghi, P., & Nicolo-Corigliano, A. M. (1989). *Por trás da máscara familiar* (3ª ed.). Artes Médicas.
- Andolfi, M., & Angelo, C. (1988). *Tempo e mito em psicoterapia familiar*. Artes Médicas.
- Aratangy, L. R. (2007). *O anel que tu me deste: O casamento no divã*. Artemeios.
- Bateson, G., Jackson, D. D., Haley, J., & Weakland, J. H. (1997). Hacia una teoría de la esquizofrenia. In D. D. Jackson (Org.). *Comunicación, familia y matrimonio*. Nueva Vision.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Zahar.
- Boechat, I. T. (2017). *As famílias e as tecnologias digitais: A comunicação pela articulação de vieses não antes explorados*. Editora Appris.
- Ferreira, A. J. (1980). Mitos familiares. In G. Bateson. *Interaccion familiar*. EBA.
- Groisman, M., Lobo, M. V., & Cavour, R. M. (2013). *Histórias Dramáticas*. Núcleo Pesquisas.

- Haley, J. (1979). *Psicoterapia familiar*. Interlivros Editora.
- Heidegger, M. (2009). *Seminários de Zollikon*. Vozes, Editora Universitária São Francisco.
- Heidegger, M. (2012a). *Ensaio e conferências* (8ª ed.). Vozes, Editora Universitária São Francisco.
- Heidegger, M. (2012b). *Ser e tempo*. Vozes, Editora Universitária São Francisco.
- Heidegger, M. (2013). *Ontologia: (Hermenêutica da faticidade)* (2ª ed.). Vozes.
- Heidegger, M. (2019). *A caminho da linguagem* (7ª ed., 2. reimp.). Vozes, Editora Universitária São Francisco.
- Lemos, A. (2015). *Cibercultura: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea* (7ª ed.). Sulina.
- Lemos, A., & Lévy, P. (2014). *O futuro da internet: Em direção a uma ciberdemocracia* (1ª ed., 4. reimp.). Paulus.
- Madanes, C. (1984). *Terapia familiar estratégica*. Amorrortu.
- Maffesoli, M. (2001). *Sobre o nomadismo: Vagabundagens pós-modernas*. Record.
- McCrindle, M. (2014). *The ABC of XYZ: Understand the global generation*. McCrindle Research Pty Ltd.
- McGoldrick, M., Gerson, R., & Petry, S. (2012). *Genogramas: Avaliação e intervenção familiar* (3ª ed.). Artmed.
- Minuchin, S., Nichols, M., & Lee, W-Y. (2009). *Famílias e casais: do sintoma ao sistema*. Artmed.
- Morin, E. (2020). *A aventura de O Método e Para uma racionalidade aberta*. Edições Sesc São Paulo.
- Morin, E. (2015). *Introdução ao pensamento complexo* (5ª ed.). Sulina.
- Napier, A. Y., & Whitaker, C. A. (1982). *El crisol de la familia*. Amorrortu Editores.
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia familiar: Conceitos e métodos* (7ª ed.). Artmed.
- Satir, V. (2002). *Terapia familiar paso a paso*. Editorial Pax México.
- Souza, C. H. M. de. (2003). *Comunicação, educação e novas tecnologias*. Editora FAFIC.

Trivinho, E. (2020, novembro). Glocal, necropolítica e neofascismo: novas dimensões e tendências – conferência de abertura do 9º Coninter. In 9º Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Campos dos Goytacazes/RJ, 2020. Retirado em 17/11/2020, de <https://www.youtube.com/watch?v=kfENSpGqoo0>.

Watzlawick, P., Bavelas, J. B., & Jackson, D. D. (2015). *Teoría de la comunicación humana: Interacciones, patologías y paradojas*. Herder.

Whitaker, C. A. (1995). As funções do casal. In M. ANDOLFI, C. ANGELO, & C. SACCU. *O casal em crise*. Summus.

Wynne, L. C., Ryckoff, I. M., Day, J., & Hirsch, S. I. (1980). Pseudomutualid en las relaciones familiares de los esquizofrénicos. In G. Bateson (Colab.). *Interacción familiar*. EBA.

Endereço para Contato

E-mail: iedatboechat@hotmail.com